

AVALIAÇÕES EXTERNAS: PERCEPÇÕES E USOS DOS RESULTADOS PELAS EQUIPES GESTORAS DE ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS

Larissa Frossard (PUC-Rio/Brasil)

larissafrossard@hotmail.com

Resumo: O propósito deste trabalho é discutir como os gestores escolares têm utilizado os resultados das avaliações externas no cotidiano escolar. A análise foi desenvolvida a partir das respostas das equipes gestoras de três escolas públicas municipais de Macaé/RJ/Brasil a um questionário e a entrevistas. Os resultados apontam que, apesar das equipes gestoras reconhecerem nas avaliações externas a possibilidade de elencar elementos que subsidiem aspectos do trabalho pedagógico que realizam, na prática, a efetividade deste uso ainda não pode ser identificada.

Palavras-chave: Avaliação, Gestão, Indicadores Educacionais.

Introdução

A apropriação e a utilização dos resultados das avaliações em larga escala por parte dos gestores escolares ainda é um tema pouco explorado no Brasil embora algumas iniciativas de pesquisa já comecem a apresentar resultados nesta área (GOMES e GIMENES, 2012; BROOKE e CUNHA, 2011; BAUER, 2010; BONAMINO e SOUSA, 2012; MACHADO, 2012). O presente trabalho é resultado da análise dos dados coletados através de questionários e entrevistas semiestruturadas com profissionais que compõem as equipes gestoras de três escolas de uma rede pública municipal de ensino. Trata-se de parte de uma pesquisa de doutoramento que pretende examinar como os indicadores educacionais são apropriados e utilizados pelos agentes escolares no planejamento pedagógico por meio de um estudo de caso no município de Macaé/RJ/Brasil. São três escolas orientadas pela mesma política de rede, que oferecem todo o ensino fundamental e que, apesar de atenderem a alunos com níveis socioeconômicos semelhantes, têm resultados de desempenho bastante diferenciados. As informações coletadas nas entrevistas complementaram a análise das respostas dadas aos questionários. O objetivo foi coletar informações para, além de traçar o perfil dos profissionais que compõem as equipes gestoras das escolas, elencar aspectos do

cotidiano escolar e analisar como as informações relativas às políticas de avaliação escolar têm influenciado o trabalho das escolas. A avaliação externa, elemento das políticas de monitoramento da qualidade da educação brasileira, é hoje um instrumento que pode causar desdobramentos concretos para a organização do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas. No mesmo movimento, as equipes gestoras são as responsáveis por viabilizar a organização do espaço educativo para que as escolas alcancem os seus objetivos e metas educacionais, aferidos pelos sistemas de avaliação em larga escala. O conjunto de respostas permitiu analisar as percepções e práticas dos gestores sobre e no cotidiano escolar, dimensionando o uso dos dados das avaliações externas.

Recorte empírico e estratégias de pesquisa

Para a discussão ora desenvolvida sobre como os gestores têm se apropriado e utilizado os resultados das avaliações em larga escala e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) no planejamento escolar, foram realizados estudos de caso em três unidades de ensino da rede pública municipal de Macaé: a Escola Amendoeira, a Escola Coqueiro e a Escola Bananeira¹. A escolha destas três escolas foi resultado de um estudo preliminar² da oferta escolar no município de Macaé/RJ, realizado em 2010 a partir das informações educacionais disponíveis e de dados colhidos em encontros³, realizados em 2011, com as equipes gestoras de 42 escolas que participaram da Prova Brasil nos anos de 2005, 2007 e/ou 2009 e possuíam as projeções do IDEB para o Ensino Fundamental.

Durante as visitas nas três escolas, que aconteceram entre maio e dezembro de 2012, foi possível participar de Horários de Atividade, Conselhos de Classe, Reuniões da Equipe Gestora; e de observar situações do cotidiano – como encontros de professores durante os intervalos das aulas; aplicações de avaliações externas municipais; feiras de ciências; atividades de culminância de projetos; atendimento a

¹ A opção pelo nome de árvores se deu na relação com a localização da escola no município, árvores típicas de cada região.

² Segundo Censo Escolar de 2009, a rede pública municipal de Macaé contava, neste ano, com 109 (cento e nove) unidades de ensino. Das 109, 42 tiveram aplicação da Prova Brasil em 2005, 2007 e/ou 2009 e possuem as projeções do IDEB.

³ Os encontros, nomeados de “IDEB: avaliação e qualidade de ensino”, aconteceram entre abril e maio de 2011 e contaram com a colaboração de pesquisadores do Observatório Educação e Cidade (OEC), numa parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e a Faculdade Professor Miguel Ângelo da Silva Santos (FeMASS).

alunos e responsáveis; entre outros. Como instrumentos de pesquisa foram elaborados um questionário – para padronizar as informações e preparar para as entrevistas –, um roteiro de entrevista e um diário de campo. Todos os profissionais das equipes gestoras das três escolas foram entrevistados.

O questionário foi estruturado de modo que oferecesse, no seu conjunto de questões, informações mais objetivas para traçar o perfil dos profissionais que compõem as equipes gestoras; informações sobre aspectos do cotidiano da escola, bem como informações relativas às políticas de avaliação escolar, totalizando 42 questões⁴.

Os questionários foram aplicados a 25 profissionais: 11 da escola Amendoeira, 7 da escola Coqueiro e 7 da escola Bananeira. São eles: três diretores; quatro diretores adjuntos; seis orientadores pedagógicos; quatro orientadores educacionais; quatro supervisores; e quatro professores orientadores. A escola Amendoeira, por ser a de maior porte e ter mais de 1000 alunos, tem um diretor adjunto e um orientador educacional a mais que as outras duas escolas, que tem em média 700 alunos.

Macaé e a rede pública municipal de ensino

Macaé é um dos 92 municípios que compõem o Estado do Rio de Janeiro. A pesca foi a principal atividade do município até a década de 1970. No final deste período a cidade foi escolhida pela Petrobrás para a implantação de uma base operacional na Bacia de Campos e a partir de então o município sofreu o impacto do crescimento demográfico, passando de 59.397 habitantes nos anos 80, para 206.728 no ano de 2010, conforme dados do Censo Demográfico⁵.

⁴ As 13 (treze) questões iniciais versaram sobre gênero, idade, cor da pele, função que desempenha na escola, nível máximo de formação, experiência na educação (em anos), experiência como professor da educação básica (em anos), tempo de atuação na escola atual e na função que ocupa, carga horária de trabalho na escola e formação em gestão. 4 (quatro) questões sobre o Projeto Político Pedagógico, Programa de Redução das Taxas de Abandono, Programa de Redução das Taxas de Reprovação e Programa de Apoio ou Reforço Escolar. 12 (doze) questões relacionadas a frequência de problemas que ocorrem na escola. 8 (oito) sobre as capacidades/características dos professores da escola. As 5 (cinco) questões finais versaram sobre o conhecimento dos profissionais relativos às componentes e objetivos dos sistemas de avaliação brasileiro, estaduais e municipal, sobre a implantação destes sistemas e sobre o nível de informação relacionados às políticas de avaliação e seus resultados.

⁵ Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

No que tange a oferta de ensino público municipal, a partir do ano 2000 a rede cresceu aceleradamente e, segundo o Censo 2009⁶, a rede conta já neste ano com 109 escolas, distribuídas nos diversos níveis e modalidades de ensino, entre as zonas urbana e rural atendendo a um total de 37.076 alunos. Para o desempenho de suas atividades, a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) conta com cinco Subsecretarias Municipais (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Pedagógica, Administrativa e de Educação na Saúde, Cultura e Esporte); e duas Coordenadorias (Infraestrutura e Planejamento, Avaliação e Orçamento). Funcionando ainda vinculados à SEMED três Conselhos Municipais: de Educação, Alimentação Escolar e de Acompanhamento e Controle Social do FUNDEB.

Em relação à gestão do ensino público da rede, em 16 de dezembro de 2011 foi publicada a Lei Complementar N° 191, que dispõe sobre a regulamentação da Função de Direção de Unidade Escolar da Rede Municipal de Ensino, determinando que para exercê-la o servidor deverá se submeter à avaliação de conhecimento que comprove preparo profissional para o exercício da função e processo eletivo.

Os atuais diretores e diretores adjuntos passaram pelo processo em 2011, composto de quatro etapas: prova de certificação de conhecimentos, apresentação de um Plano de Gestão Escolar, eleição na unidade de ensino pela comunidade escolar e curso de Pós-Graduação em Gestão Escolar. Importante salientar que apenas os diretores e diretores adjuntos concorrem com chapas para se candidatarem. Após a eleição, escolhem seus professores orientadores, profissionais lotados na escola para colaborarem na equipe gestora. Além destes, a SEMED encaminha orientadores pedagógicos e educacionais e supervisores, lotados na SEMED, para integrarem as equipes gestoras. Neste sentido, podemos considerar que, apesar de integrarem as equipes gestoras, estes profissionais não têm, necessariamente, um comprometimento político com a equipe, já que não passaram por um processo de confirmação na comunidade escolar.

⁶ Como o desenho de pesquisa foi feito em 2010, todas as análises da rede foram feitas com base no Censo Escolar de 2009.

Descrição das escolas

Para a descrição das unidades de ensino buscou-se fundamentação sociológica para a análise da escola como organização educativa (LIMA, 2008), já que o objetivo era observar a ação organizacional, os sentidos e as interpretações que os próprios sujeitos atribuem às suas ações. Entendendo a escola como uma organização complexa e multifacetada, as observações para a caracterização dos contextos institucionais levaram em conta as duas faces apresentadas por Licínio Lima (2008) para o estudo da escola – a face burocrática e a face anárquica, ambas presentes, ainda que em graus variados, em todas as organizações escolares.

É inegável que o desenho da organização escolar está formalmente orientado, estruturado e subordinado a um determinado modelo imposto normativamente por uma dada orientação hegemônica. Sem ignorar estas orientações, coube analisar o funcionamento concreto das escolas confrontando as normas e os dispositivos legais com as práticas de seus atores. Tratou-se de considerar, portanto dois planos distintos: o “plano das orientações para a ação organizacional” e o “plano da ação organizacional” (LIMA, 2008, p.41).

A seguir as descrições das três escolas.

A Escola Amendoeira

A escola Amendoeira foi fundada em 1994. Apesar de ser localizada num bairro vizinho ao centro da cidade, as ruas no entorno da escola ainda são de paralelepípedo e bastante esburacadas. O prédio é um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) e em 1996 se tornou uma escola municipal.

O portão de acesso à escola não tem cadeados. Apesar de ter porteiros destinados a controlar o acesso das pessoas, em algumas visitas, entrei na escola sem que fosse interceptada por alguém. Durante as primeiras visitas pode-se observar que a área externa da escola estava carente de cuidados. A cerca estava destruída em muitos pontos dando acesso livre a quem quisesse entrar ou sair da escola. O mato estava grande e necessitando ser limpo. Durante o final de 2012 a escola recebeu apoio da SEMED na construção de um muro de concreto em todo o entorno da escola e de limpeza da vegetação.

A área interna do prédio é clara e bem conservada, causando boa impressão a organização das dependências, apesar do mobiliário apresentar indícios de ser usado há muito tempo. As salas são limpas e ventiladas. Os murais da escola expõem trabalhos dos alunos, informações e cartazes coloridos, compondo um ambiente de certa forma atrativo. Cada local tem designação clara de sua utilização e as pessoas que ocupam o espaço desempenham as funções destinadas ao lugar. As salas de aula são pouco ventiladas e o mobiliário está em péssimo estado de conservação. São 30 os espaços pelos alunos: 24 Salas de Aula, 1 Sala Multifuncional⁷, 1 Laboratório de Informática, 1 Sala de Leitura, 1 Laboratório, 1 Sala de Vídeo e 1 Sala de Reforço.

A sala de professores disponibiliza em seus murais as informações relativas à rotina docente. Em todos os momentos de visita, os professores que ocupavam o espaço mostravam satisfação em trabalhar na escola. Alegres, comunicativos, trocavam experiências recentes da docência e, em algumas situações, faziam referência a problemas disciplinares dos alunos.

A maior parte da clientela é oriunda das redondezas e dos bairros vizinhos, que integram a parte mais central do município. Desde a municipalização até 2011, a escola teve uma única diretora que trabalhou com diferentes diretoras adjuntas durante o período. Em 2012 a direção da escola mudou em virtude da alteração no processo de escolha de diretores que ocorreu na rede no final de 2011⁸ e um novo diretor e duas adjuntas foram eleitos.

A Escola Coqueiro

A escola Coqueiro está localizada na periferia do município, na entrada de um conjunto habitacional, numa das principais ruas do bairro, movimentada e calçada, com ponto de ônibus em frente à escola. Foi fundada em 1985 e o prédio também é um CIEP⁹, municipalizado em 1996.

A impressão na primeira visita é de que era uma escola abandonada, cheia de mato e com a quadra de esportes muito depredada. A presença quase que constante do carro da guarda municipal parecia indicar que ali não era um local seguro. Durante as

⁷ Sala com recursos para portadores de necessidades educativas especiais.

⁸ A diretora não foi aprovada na prova de conhecimentos específicos de gestão e, por este motivo, não pode se candidatar no processo de escolha de diretores em 2011.

⁹ Neste caso tratou-se do primeiro CIEP construído pelo governo estadual no município de Macaé.

primeiras visitas pode-se observar que toda a escola estava carente de cuidados, sem pintura, com vidros e portas quebrados. O prédio é todo cercado e o portão de entrada trancado com cadeado. Tem sempre um funcionário controlando o acesso de quem entra e sai da escola. Durante o segundo semestre de 2012 a escola recebeu apoio da SEMED com algumas reformas e a pintura do prédio. Nas últimas visitas do ano foi possível constatar como o ambiente ficou agradável depois dos cuidados que recebeu.

É uma escola com uma estrutura interna um pouco confusa. A pintura é escura. Apesar de ter a indicação da utilização dos espaços, nem sempre as pessoas que os ocupam têm atribuições relativas aos locais. O mobiliário das salas de aula está em mau estado de conservação, indicando que há muito tempo não é renovado. Além disto, há uma variedade de materiais “espalhados” para todos os lados. Há grades e cadeados em todas as dependências da escola. Há câmeras nos corredores, mas as mesmas não estão funcionando. São 23 os espaços destinados aos alunos: 18 Salas de Aula, 1 Laboratório de Informática, 1 Sala de Leitura, 1 Biblioteca, 1 Sala de Vídeo e 1 Sala de Recursos¹⁰.

A sala de professores disponibiliza em seus murais as informações relativas à rotina docente. Na maioria das visitas, os professores que ocupavam o espaço pareciam insatisfeitos com o trabalho. As conversas sempre giravam em torno do mau comportamento dos alunos e do desinteresse dos mesmos em se dedicar aos estudos.

A escola recebe alunos do conjunto habitacional e de bairros vizinhos, todos periféricos. Passou por diversas mudanças na direção até que, em 2010, a atual diretora foi convidada a aceitar o desafio de mudar a “má fama” da escola, já estigmatizada como uma das “piores da rede”. A então diretora passou, junto com uma adjunta, pelo processo de escolha de diretores em 2011, e foram eleitas pela comunidade escolar.

A Escola Bananeira

A escola Bananeira foi fundada em 1992 e está localizada na rua principal de um distrito da região serrana do município. Seu portão de entrada é na rua lateral da escola e o prédio é uma edificação construída para sua finalidade. A escola é bastante arborizada, toda murada e ainda há, por cima do muro, uma grade de arame de proteção, danificada em alguns pontos. O portão de acesso à escola é aberto, mas tem sempre um funcionário controlando a entrada e saída. Logo na entrada há um pequeno pátio

¹⁰ Sala destinada ao reforço dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

coberto, onde sempre há alunos circulando. Há grades e cadeados em todas as dependências da escola.

Sua estrutura interna de funcionamento demonstra indicação clara da utilização dos espaços, mas os mesmos parecem não comportar o que lhes coube como finalidade, em função do acúmulo de materiais e móveis. As dependências, incluindo as salas de aula, são claras e limpas, apesar da pouca ventilação. O estado do mobiliário mostra seu uso prolongado. São 16 (dezesesseis) os espaços destinados aos alunos: 10 Salas de Aula, 1 Laboratório de Informática, 1 Biblioteca, 1 Sala de Leitura, 1 Sala de Jogos, 1 Sala de Vídeo e 1 Sala de Recursos.

A sala de professores é pequena. Disponibiliza em seus murais as informações relativas à rotina docente. Em todos os momentos de visita, os professores que ocupavam o espaço demonstravam satisfação em trabalhar na escola. Cabe assinalar, no entanto que, os que permaneceriam na escola para atividade no dia seguinte estavam tranquilos enquanto que os que iriam embora (moram em outro município) estavam sempre aflitos para partir.

A escola recebe alunos do distrito em que está situada e das outras localidades próximas pertencentes à região serrana de Macaé. Até 2004 possuiu diferentes diretores, até a diretora atual assumir a função, na qual permanece até os dias atuais¹¹.

As descrições anteriores já dão indícios sobre a organização da escola como um todo. Sammons (2008) destacou que muitos estudos enfatizam a importância de se manter na escola um clima de ordem orientado para as tarefas. O ambiente físico, incluindo aí a exibição dos trabalhos dos alunos, colaboram para a atitudes em manter uma atmosfera de ordem. Neste aspecto, o diretor escolar tem papel fundamental na medida em que ele e sua equipe organizam o ambiente onde são desenvolvidos os processos de ensino e aprendizagem.

A gestão de cada escola

As três escolas possuem equipes de gestão razoavelmente grandes, compostas por 7 a 11 profissionais. Todos os integrantes das equipes gestoras têm curso superior. 11 dos 25 profissionais das equipes gestoras afirmam que possuem formação em Gestão

¹¹ A diretora foi afastada durante um ano, entre 2009 e 2010 em virtude de um processo administrativo a partir do qual uma professora foi processada pela comunidade

Escolar e todos assinalaram que o fato de terem curso nesta área, faz diferença na atuação.

A equipe gestora da escola Amendoeira é composta de três profissionais do sexo masculino. Já nas escolas Coqueiro e Bananeira, as equipes gestoras são 100% femininas. A maioria dos gestores está entre 30 e 49 anos. Enquanto nas escolas Coqueiro e Bananeira praticamente todos os membros da gestão fizeram algum curso de pós-graduação, na Amendoeira quase a metade dos profissionais ainda não fez ou não completou uma especialização.

Nas três escolas, os profissionais apresentam uma larga experiência na educação, embora grande parte esteja há menos de 2 anos na escola atual. Tal fato se explica pela inserção relativamente recente, dos orientadores pedagógicos, educacionais e supervisores da SEMED, que a partir de 2011 passaram a cumprir a totalidade de sua carga horária contratual (20 horas semanais) diretamente nas escolas. Até aquele ano os profissionais se dividiam em várias escolas, pois não havia quantidade suficiente para atender toda rede. Houve chamada do concurso público para aumentar o efetivo destes profissionais. Nas entrevistas realizadas, diretores, adjuntos e professores orientadores demonstraram satisfação em ter estes profissionais nas suas equipes.

Na escola Coqueiro, por outro lado, tanto esses profissionais se encontravam há pouco tempo na escola como os demais ocupantes da equipe gestora, já que a diretora e sua adjunta foram convidadas a dirigi-la em 2010 e saíram de outra escola para cumprir tais funções. Nas escolas Bananeira e Amendoeira, os diretores e adjuntos têm entre 11 e 15 anos de atuação na escola atual. Todos os diretores e adjuntos têm carga horária de até 40 horas semanais.

Quanto à elaboração do Projeto Pedagógico, na escola Amendoeira a maioria afirma que foi elaborado na gestão anterior, resposta de certa forma justificada pelo fato da gestão estar no seu primeiro ano de trabalho. No entanto, os três profissionais que ocupam os cargos de diretor e adjuntos e os professores orientadores desempenhavam a função docente na gestão anterior e, portanto, deveriam se sentir personagens na construção do documento que orientou ou deveria orientar o trabalho da escola anteriormente. Apesar de solicitar, nem o professor orientador e nem o diretor sabiam onde se encontrava o documento. Na Bananeira, 2 profissionais, um supervisor e um

orientador pedagógico, afirmam não saber como foi desenvolvido, apesar dos demais sinalizarem que está em fase de reelaboração.

Das três escolas, foi na Coqueiro que a evidência do trabalho que vem sendo desenvolvido se concretiza, pois 5 profissionais afirmam que foi elaborado pela comunidade escolar. Esta foi a única escola que apresentou seu Projeto Pedagógico detalhado durante uma das visitas, desde o diagnóstico até as ações a serem implementadas no ano. O projeto começou a ser elaborado no mesmo ano que a gestão assumiu a direção e contou diretamente com a coordenação dos orientadores pedagógicos e a participação efetiva dos professores.

Quanto à existência de algum Programa de Redução das Taxas de Reprovação, a maioria registrou que possui e está sendo aplicado. Fizeram referência ao Programa Mais Educação e às Atividades Complementares de contraturno relacionadas ao projeto da SEMED de Aprofundamento, dedicado principalmente a “preparar” melhor os alunos para as avaliações em larga escala. Apenas na Amendoeira, 4 profissionais indicaram não ter o programa mas ter o problema, talvez porque nesta escola não há o Mais Educação, apenas as Atividades Complementares de Língua Portuguesa e Matemática, disciplinas dedicadas ao aprofundamento. Esta questão está diretamente relacionada à pergunta seguinte, sobre a existência ou não de Programa de Apoio ou Reforço Escolar, onde quase a maioria absoluta sinalizou a existência do mesmo.

Agrupando as questões que estão diretamente relacionadas ao que a escola vem fazendo para “manter seus alunos aprendendo”, as escolas Amendoeira e Coqueiro demonstraram mais coesão nas suas equipes pelas respostas dadas. Na Bananeira as respostas oscilaram muito. Apesar de não ter sido autorizada a participar das reuniões da equipe gestora da escola Amendoeira, durante algumas visitas, ao chegar à escola, observei que os profissionais estavam reunidos na sala da direção, a portas fechadas, discutindo as ações da escola e, provavelmente afinando o discurso para as reuniões gerais, que acontecem toda última quarta-feira de cada mês com os professores.

Na Coqueiro, a coesão parece estar diretamente relacionada ao Projeto Pedagógico que a escola construiu com sua comunidade escolar e que, de fato, vem sendo implementando por meio das ações estabelecidas no “PPP em AÇÃO”. No calendário aparecia a indicação de reuniões mensais da equipe gestora. Participamos de uma reunião da equipe, onde a diretora tinha uma pauta e um caderno na mão, além de

um documento intitulado de “Planejamento estratégico das ações pedagógicas que serão desenvolvidas nos períodos letivos”, que foi lido para avaliação do que conseguiram ou não alcançar até aquela data.

Na Bananeira não participamos de nenhuma reunião de equipe gestora por não ter coincido com as nossas visitas, mas tivemos acesso a algumas atas referentes aos encontros, entregues na SEMED junto com o Plano de Gestão.

Nas questões relacionadas às capacidades dos professores, cujo objetivo dos itens era de examinar como os gestores avaliam o trabalho dos professores e, como consequência, se apoiam as práticas que vem sendo desempenhadas pelos docentes em prol da aprendizagem dos alunos, ficou evidente que nas Escolas Amendoeira e Bananeira os gestores sinalizam um comprometimento coletivo do corpo docente. As respostas mostram que há mais confiança dos gestores no trabalho desenvolvido pelos professores nestas duas escolas do que na Escola Coqueiro.

Nas entrevistas foi possível constatar que na Escola Coqueiro os gestores identificam que uma boa parte dos seus professores não está comprometida com o projeto da escola. Sinalizam dificuldades em reuni-los para discutir as questões emergenciais do cotidiano. Durante os Horários de Atividade, a presença dos professores é pequena e a frequência dos encontros é de 15 em 15 dias. Na maioria das vezes o trabalho é conduzido pela orientadora pedagógica. Na Escola Amendoeira, os Horários de Atividade acontecem todas as quartas-feiras para que os professores discutam o planejamento do trabalho e a frequência é alta. Na Escola Bananeira há três horários de atividades diferenciados e a frequência é boa porque acaba por atender a todos os professores da escola.

Dados da avaliação e gestão

Segundo Paro (2010), a maneira da escola contribuir para a transformação social é alcançar os seus fins especificamente educacionais. Para tanto, precisa desenvolver uma racionalidade específica capaz de contribuir para a efetivação de seus fins: “A Administração Escolar precisa saber buscar na natureza própria da escola e dos objetivos que ela persegue os princípios, métodos e técnicas adequados ao incremento de sua racionalidade” (PARO, 2010, p. 205). Neste sentido, uma das tarefas das equipes gestoras diz respeito à forma como a própria escola examina seus resultados de trabalho.

As avaliações externas são instrumentos que podem contribuir para a análise destes resultados na medida em que fornecem indicadores da qualidade da aprendizagem dos alunos.

As cinco questões finais do questionário fazem referência aos sistemas de avaliação em larga escala. A primeira solicitou que os gestores sinalizassem os componentes dos sistemas de avaliação que conhecem. Praticamente todos os profissionais sinalizaram que conhecem o IDEB, a Prova Brasil e a Prova Macaé, exceto 2 da Escola Coqueiro que afirmaram não conhecer a Prova Macaé.

Quanto ao conhecimento dos objetivos dos sistemas de avaliação nenhum profissional afirmou ter desconhecimento e somente 2 afirmaram ter conhecimento profundo sobre o assunto. Os demais responderam que conhecem pouco ou bem. Do ponto de vista prático, poderíamos afirmar que as três escolas não utilizam os resultados para planejar ou replanejar as ações pedagógicas de forma mais sistemática. Durante as entrevistas ficou evidenciado que a grande maioria não tem informações consistentes acerca dos sistemas de avaliação, apesar de reconhecerem que as avaliações externas podem ser importantes instrumentos de gestão. A complexidade das informações referentes aos sistemas de avaliação pode ser um fator que agrave esta questão.

No que se refere à opinião sobre a implantação de sistemas de avaliação, apenas 1 profissional respondeu considerar ruim e 2 afirmaram não ter opinião a respeito, todos da Escola Coqueiro. Os demais profissionais afirmaram ser bom ou muito bom ter estes sistemas de avaliação. As respostas indicam que os gestores reconhecem na política, uma forma de contribuição para melhoria da aprendizagem dos alunos. Quando questionados sobre a possibilidade de ter mais esclarecimentos acerca dos sistemas de avaliação atuais, todos foram unânimes na resposta: sim.

Sobre a participação em reuniões na SEMED que abordassem o tema dos resultados das avaliações em larga escala, 17 pessoas responderam que participaram de poucas reuniões, 2 responderam em muitas e 6 negaram qualquer tipo de participação. Durante as entrevistas, os profissionais demonstraram que a SEMED só convoca os diretores para as discussões nas ocasiões de divulgações dos resultados pela imprensa, não evidenciando nenhum trabalho mais pontual em relação aos resultados de avaliações externas.

As ações da SEMED relacionadas às avaliações em larga escala e ao IDEB que puderam ser identificadas durante a pesquisa foram três: i) reuniões nas ocasiões de divulgação dos resultados para evidenciar as escolas que tiveram bom e mau desempenho; ii) Prova Macaé, simulado organizado pela SEMED para avaliar o desempenho dos estudantes; iii) Elaboração do COC - Cadernos de Orientação Curricular, levando em consideração as matrizes de referência das avaliações externas. Em Macaé não há políticas de incentivos financeiros vinculadas a desempenho nas avaliações externas.

Quanto à escola, foram identificadas as seguintes ações: i) realização de provas simuladas além da Prova Macaé; ii) análise dos resultados das avaliações durante reuniões de professores na ocasião de divulgação dos resultados pelo governo federal; iii) exposição dos resultados nos murais da escola para informação a pais e alunos; iv) avaliação interna da escola em relação aos resultados divulgados.

Durante a divulgação dos resultados em 2012, sobre a aplicação dos testes em 2011, as três escolas abordaram o assunto durante reuniões com professores e expuseram os resultados nos murais das entradas das escolas. A mídia local deu destaque àquelas escolas que tiveram os maiores IDEB's e pouco tempo depois a temática não ocupou mais os espaços de discussão.

Considerações Finais

A avaliação externa, elemento das políticas de monitoramento da qualidade da educação brasileira, é hoje um instrumento que pode causar desdobramentos concretos para a organização do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas. No mesmo movimento, as equipes gestoras são as responsáveis por viabilizar a organização do espaço educativo para que as escolas alcancem os seus objetivos e metas educacionais.

O objetivo deste trabalho foi examinar como esses indicadores têm sido utilizados no cotidiano escolar e, em que medida vêm interferindo no planejamento das escolas. Apesar das equipes gestoras das três escolas públicas municipais de Macaé reconhecerem nas avaliações externas a possibilidade de elencar elementos que subsidiem aspectos do trabalho pedagógico que realizam, na prática, a efetividade deste uso ainda não pode ser identificada. Enfatiza-se assim, a necessidade que estudos desta

natureza sejam realizados para que possamos elencar como essas políticas estão sendo colocadas em prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Adriana. Usos dos resultados das avaliações de sistemas educacionais: iniciativas em curso em alguns países da América. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.91, n.228, p.315-344, maio/ago. 2010.

BONAMINO, Alicia; SOUSA, Sandra Zákia. Três gerações de avaliação da educação básica no Brasil: interfaces com o currículo da/na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n.2, p. 373-388, abr./jun. 2012.

BROOKE, Nigel; CUNHA, Maria Amália de A. A avaliação externa como instrumento de gestão educacional nos estados. Disponível em: < <http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/avulsas/%20avaliacao-externa-instrumento-gestao-educacional-estados.shtml>>. Acesso em 15 jun. 2013.

GOMES, Vandré; GIMENES, Nelson Antonio Simão. **Uso da Avaliação Externa por Equipes Gestoras e Profissionais Docentes: Um Estudo em Quatro Redes de Ensino Público (Relatório Final)**. 2012. Disponível em: < http://www.fundacaoitausocial.org.br/_arquivosstaticos/FIS/pdf/pesquisa_fis_fcc.pdf >. Acesso em 19 abr. 2013.

LIMA, Licínio C. **A escola como organização educativa**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MACHADO, Cristiane. Avaliação Externa e Gestão Escolar: reflexões sobre os usos dos resultados. **Revista @ambienteeducação**, 5 (1): 70-82, jan./jun. 2012.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SAMMONS, Pam. As características-chave das escolas eficazes. In: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco (Orgs.). **Pesquisa em Eficácia Escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. pp. 335-392.